

# Suplemento Cultural

## O AVIÃO INVISÍVEL DE RAQUEL

**RUBENIO MARCELO** – poeta/  
escritor, secretário-geral da  
Academia Sul-Mato-Grossense de  
Letras

Com chancela da editora Ibis Libris, contendo setenta e seis crônicas, “O Avião Invisível” é o mais novo livro lançado pela escritora Raquel Naveira. Com 260 páginas, o consistente volume possui prefácio do escritor José Fernando Mafrá Carbonieri, imortal da Academia Paulista de Letras. Escritas nos anos de 2015 e 2016, as narrativas contidas nesta obra refletem – como bem afirma a autora – principalmente observações sentidas na época (uma década) em que ela residiu na capital paulista.

Com temática ampla, do místico às reminiscências e registros ‘ôniricos’, enredos reflexivos e circunstanciais, “O Avião Invisível” de Raquel passa também (claro) por paragens e paisagens guaicurus que ficaram gravadas na caixa-preta da sua existência: de Campo Grande ao Pantanal e às fronteiras, e inclusive explícita a ocasião em que ela, ainda adolescente, na sua Cidade Morena, bateu um papo “das mil e uma noites” com o lendário Malba Tahan, que na ocasião profetizou: “Vejo que você é uma menina muito sensível, tem talento na alma. Continue lendo” – e, acerca deste mágico acontecimento, diz agora a nossa escritora: “Sob o manto brocado daquela noite, repeti várias vezes: ‘Maktub! Maktub! Estava escrito’. Acreditei que escrever era meu destino, uma fatalidade”. Sim, Raquel Naveira, já estava escrito: tinha que acontecer... Agora é seguir em frente, “até onde a literatura lhe levar”.

“O Avião Invisível” não esconde a poeta envolta nas expressões (palavras e imagens) da cronista – a linguagem poética jamais se afasta do texto em prosa da autora, proporcionando, assim, um resultado estético deveras agradável e envolvente em suas crônicas. A propósito, por



Detalhe da capa do livro “O Avião Invisível”. Crônicas de Raquel Naveira

“

“O Avião Invisível” não esconde a poeta envolta nas expressões (palavras e imagens) da cronista – a linguagem poética jamais se afasta do texto em prosa da autora, proporcionando, assim, um resultado estético deveras agradável e envolvente em suas crônicas”

exemplo, em “Vinho” (pág. 50 do livro), temos: “Preciso de evasão como todo mundo. A realidade é cruel demais, não dá pra engolir a seco. O fardo do tempo e das decepções tem quebrado as minhas costas. Sorvo em longa taça goles de poesia, de religião, de filosofia, de arte, de virtude. Não bebo vinho, mas vivo embria-

gada”; e em “Herança” (pág. 143): “Amê, desde sempre, as linhas dos versos: a poesia”.

A exemplo do que ocorre na palavra literária de Adélia Prado – e na linha daquele pensamento clariciano: “Deus repleta o ser” –, a obra de Raquel Naveira timbra também em vários pontos uma forte concepção transcendental e epifânica (exaltação divina, fé), como podemos constatar, v. g., em “Dândi” (pág. 101): “... Conheço alguém de uma elegância suprema, de uma graça essencial. É um homem divino que se ocupa de todos com delicadeza. Está sempre pronto para ajudar. Sempre semelhante a si mesmo. É simples e calmo, por isto tem poder. Seduz e atrai sem esforço. Aceita as pessoas. Perdoa seus defeitos. É capaz de dizer: “Eles não sabem o que fazem”. Eu me escondo sob sua capa vermelha. E lhe presto culto”.

Natural de Campo Grande, poeta/escritora e palestrante, Raquel Naveira é formada em Direito e em Letras pela UCDB, onde exerceu o magistério superior (de 1987 a 2006). Doutora em Língua e Literatura Francesas, pertencente à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, ela traz a arte literária introjetada no

seu *modus vivendi*. Possui dezenas de livros publicados, alguns com premiações, como por exemplo: ‘Caraguatá’ (menção honrosa no Prêmio Ribeiro Couto - UBE-RJ, 1997), ‘Senhora’ (Prêmio Henriqueta Lisboa / AML, 2000; e Prêmio Jorge de Lima - ACL, 2000), ‘Sangue Português’ (Prêmio Guavira - FCMS, 2013). As suas obras ‘Abadia’ (1995) e ‘Casa de Tecla’ (1998) foram finalistas do Prêmio Jabuti, na categoria Poesia. Finalizo este singelo tributo/ensaio, consignando aqui um pouco do que senti ao embarcar nesta privilegiada viagem rumo à estação da beleza:

**O ‘AVIÃO INVISÍVEL’ DE RAQUEL**  
– para Raquel Naveira e seu novo livro –  
(Rubenio Marcelo)

É um caça RN-2017\*  
[da força aérea da palavra]  
missão: combater com mísseis de primazia  
a mesmice do cotidiano...

tem a dimensão de um pássaro  
e a envergadura do horizonte  
num voo de frisson  
sem barreira...

possui asas e cauda de ‘essência pura’  
e é mais veloz do que o zoom  
do tempo presente...  
| criação além do sonho? |

enfim  
perceptível aos radares da sensibilidade  
invisivelmente decola  
e aterrissa em silêncio  
sem trem de pouso  
nos trilhos semeados  
entre os trigos dourados do enlevo...

e descobre-se  
o infinito-em-si  
essencial  
além do céu... além do véu!

### POESIAS

#### SONHO DO POETA DORMINDO

Sonhei com uma árvore florida  
Abrindo ao céu um turbilhão de cores...  
Em cada rama havia nova vida  
E aves havia em cânticos nas flores!

Uma aragem cheirosa e comovida  
Bailava ao som dos virginais olores...  
E até minh’alma, triste e dolorida,  
Entrou na dança e acalentou as dores!

E eis que em meu corpo – ao chão, como num leito –  
Fixando as raízes no meu peito,  
Tal árvore também gemia horrores...

Desperto, entendi: tantas flores e aves,  
Misturando prazer em ais tão graves,  
Eram do peito me explodindo as dores!...

#### GERALDO RAMON PEREIRA

#### AO DR. FADEL THAJER YUNES

(Homenagem póstuma)

Deixa-nos ensinamentos divinais  
Nos caminhos das virtudes  
Da ética e da Moral valores eternos  
Homem solidário e participativo  
Comprometido com a evolução  
Sempre pronto a estender a mão amiga

Dr. Fadel entendeu o Sol do coração  
Que sempre brilhou com seu próprio amor  
Caminhou por entre sombras e venceu a Dor  
Marcou seus dias sem macular sonhos  
Não quis o brilho fácil de artificialidades  
Viveu e marcou seu tempo pelos feitos eternos  
Do coração acolhedor e a mão estendida

Agora retornando à grande pátria do pai eterno  
Temos a crença que Deus o acolheu em sua morada  
Findou o seu tempo na terra, e o céu o esperava

#### GUIMARÃES ROCHA – POETA/ESCRITOR

## Campo Grande nas dobras da memória

**OLIVA ENCISO**

Dias depois do falecimento do meu pai, o Sr. João Francisco de Freitas, que em 1921 se casara com a minha irmã mais velha – Bráulia e instalara seu lar em Campo Grande, foi a Corumbá nos buscar. Eu e Conchita viemos logo com ele, e minha mãe e irmãs vieram mais ou menos um mês depois. Corumbá, com sua terra branca, seu rio, seu pôr do sol deslumbrante... o Taquaral, onde passei os melhores anos de minha vida... meu pai... nossa casa... nossos parentes e nossos amigos... Tudo tinha ficado para trás...

A viagem foi uma novidade: viemos no vapor Fernandes Vieira até Porto Esperança e de lá em trem da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, até Campo Grande. A viagem por água, a beleza do trecho percorrido pelo trem – o rio Aquidauana, os morros cor-de-rosa, a paisagem diferente, tudo me encantou. Mas quando chegamos a Campo Grande, fiquei triste: a Estação mal iluminada. Viemos de charrete pela Rua Santo Antônio, hoje Av. Calógeras, então esburacada e com luz mortífera. Enfim chegamos à casa do meu cunhado, na Rua Barão do Rio Branco, onde minha irmã nos recebeu entre lágrimas.

A manhã do dia seguinte me alegrou: muito clara, fresca, parecia até perfumada, pelo guaviral que havia perto.

Eu chegava a Campo Grande, sem pensar que aqui ficaria o resto da minha vida, que me afeiçoaria a ela e esta me retribuiria, acolhendo-me como filha.

O meu cunhado Freitas era natural da Bahia e, moço ainda, foi passear na Europa, e voltando ao Brasil, pela Argentina em navio da Bacia do Prata, chegou a Corumbá, mais ou menos em 1919, e em 1921 casou-se com a minha irmã, vindo morar em Campo Grande. Exercia a profissão de guardalivros em várias casas comerciais, designado algumas vezes como Perito-Contador. Era inteligente, benquisto, comunicativo e para mim foi o irmão que não tive.

Logo que chegamos, ele quis me matricular numa escola, mas eu recusei mais de uma vez. Não queria mesmo estudar, até que Deus colocou no meu caminho uma senhora muito religiosa e boníssima, a D. Emília Brandão, que residia na Padaria Brandão, do seu esposo, na hoje Av. Calógeras, perto de casa. E a D. Emília vinha todas as sextas-feiras convidar uma de nós para ir à Missa na Igreja Santo Antonio, que também ficava perto. Em casa ninguém ia à Missa e eu, que não era das grandes e nem das pequenas, tinha de ir com a D. Emília, o que muito me contrariava. Mas ela era perseverante. Um dia achei numa gaveta de Mercedes, um pequeno livro: “Manual da Donzela Cristã”. Guardei-o para ler na Igreja, na primeira sexta-feira do mês. Pela terceira vez que o peguei, comecei a me interessar por ele. Não era um livro de orações, embora tivesse algumas, mas era de orientação: – “Um dia Deus nos pedirá contas do que fizemos com os dons que Ele nos deu...” Que dons eu tinha recebido? – comecei a pensar – eu enxergava... eu ouvia... eu andava... – “A aluna deve estudar, não para ser a primeira da classe, mas para agradar a Deus...” E outros pensamentos mais. Eu já esperava a D. Emília, na primeira sexta-feira com satisfação.

Um dia, disse ao Sr. Freitas: – “O senhor pode me matricular em qualquer colégio. No mesmo dia, ele me matriculou no Colégio Spencer, do Prof. Bartolomeu, na Rua 13 de Maio. Tornei-me boa aluna”.

“

Eu chegava a Campo Grande, sem pensar que aqui ficaria o resto da minha vida, que me afeiçoaria a ela e esta me retribuiria, acolhendo-me como filha”

## Hélio Serejo, o cantor mor da terra sul-mato-grossense

**H. CAMPESTRINI – EX-PRESIDENTE DO IHGMS**

No dia 01/06/2012 comemorou-se o centenário de nascimento de Hélio Serejo, “o homem – como se descreve – desajeitado e de gestos xucros (...), que veio de longe, dos ervais, do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr do sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas”. E mais confessa: “Fui gemido de carreta manchega no estirão da serra íngreme e fui, também, envaidecido, tropel de tropilha crioula e índio haragano, trilhador de todos os caminhos”.

Realmente, Hélio foi o trilhador de todos os caminhos de nossa terra, especificamente da região então ocupada pela Empresa Mate Laranjeira. Trilhador, porque, trabalhando com o pai como ervateiro, transitou por todas aquelas picadas, quando conheceu aquelas paisagens físicas e humanas, que passou a amar e cantar, como registra: “Procurei cantar com ternura e suavidade as belezas incomparáveis do sertão e, tanto quanto possível, procurei descrever com fidelidade as paisagens coloridas das estâncias”.

Foi assim, nesse mundo bravio, dormindo sobre um baixeiro, “debaixo da árvore agasalhada, coberto pelo poncho azul do céu”, tendo o chão como cama e a mata milenária como “a catedral crioula” de sua oração xucra, que sorveu, “com os olhos indagadores, essas paisagens campeiras, em seus mínimos detalhes”, e delas se tornou “escravo submisso e voluntário”, anotando suas impressões.

Nasceram cinquenta livros, repassados desse telurismo (talvez atávico) que só os que possuem sensibilidade extremada conseguem detectar, ouvindo os clamores da terra que pisam, da história que está nela impregnada. São con-

tos, lendas, cenários, árvores, animais, costumes, empresas, pessoas (simples como o velho Pastrana, bandidos como Sismório, caridosas como Nhá Chaló, justas e equilibradas como o velho Chico Serejo, seu pai, figuras estranhas e perigosas como Capitoa e o viejito Poincaré), que desfilam em suas linhas.

Sem qualquer formação escolar mais apurada, Hélio conseguiu, com leituras e esforço, criar o próprio estilo, que é único, inconfundível, colocando-o entre os melhores regionalistas brasileiros e como estrela de primeira grandeza na literatura sul-mato-grossense. Suas obras foram reunidas, sistematizadas e publicadas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, em cinquenta livros (em nove volumes).

Hélio nasceu em 1912, na fazenda São João (região de Nioaque). No Rio de Janeiro, já cabo, por estar na hora errada no lugar errado, acabou preso como comunista, na Intentona. Expulso do Exército, só foi reincorporado pouco antes de morrer, em 2007. Sonhava ser engenheiro para construir pontes. Não conseguindo, liderou a campanha para a construção, sobre o rio Paraná, no Porto XV, da extensa ponte, que leva seu nome.

“

Hélio conseguiu, com leituras e esforço, criar o próprio estilo, que é único, inconfundível, colocando-o entre os melhores regionalistas brasileiros”